

# bastos tigre

o teatro de

GRÃO DE BICO

O MAXIXE

DE PERNAS P'RO AR

O MICRÓBIO DO AMOR

VER E AMAR

DITO E FEITO

O RAPADURA

A CEIA DOS CORONÉIS

BOAS FALAS

ZIG E ZAG

SUA EXCIA.

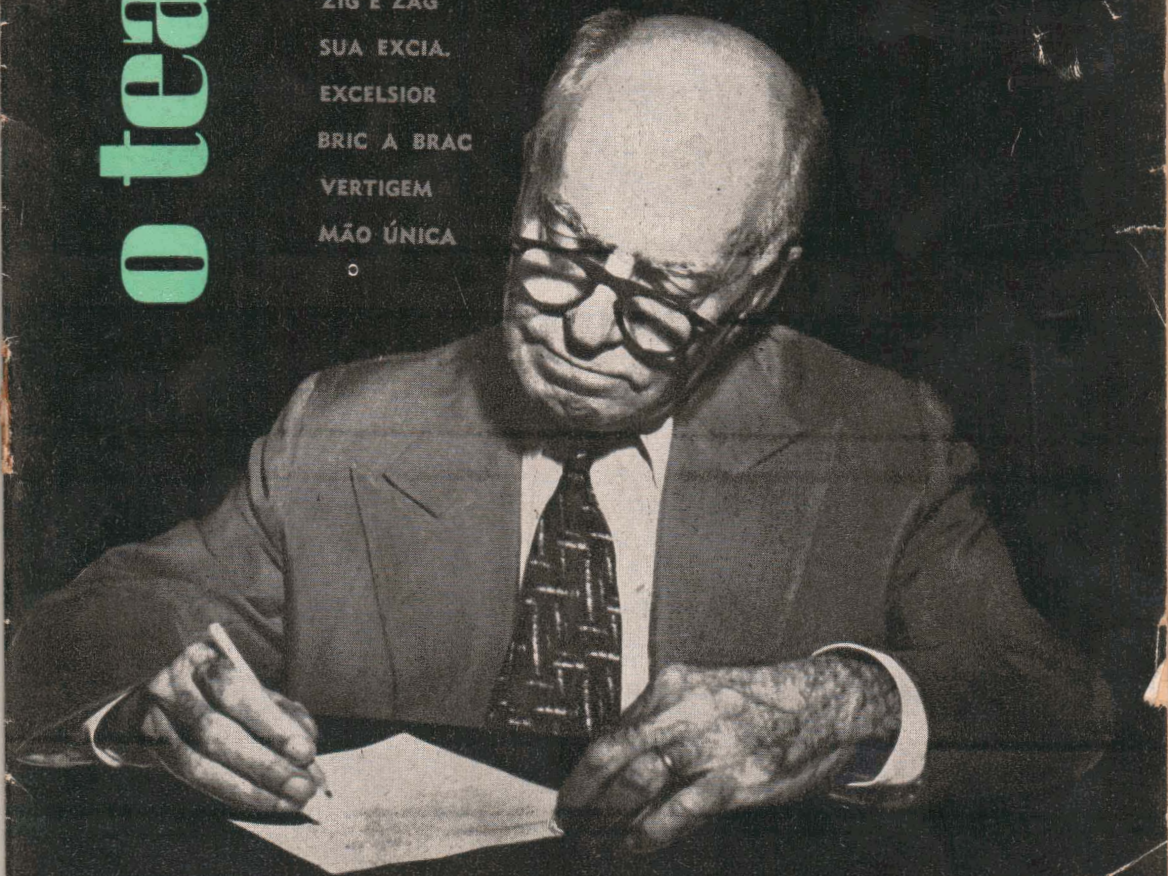
EXCELSIOR

BRIC A BRAC

VERTIGEM

MÃO ÚNICA

TERRA DE SENNA





**BASTOS TIGRE**, nasceu no Recife a 12 de março de 1882.

Freqüentou aos cinco anos de idade a Escola Pública Mista, em Recife e, em seguida, o Colégio Diocesano da histórica Olinda, revelando, desde cedo seu talento.

Colou grau como engenheiro civil na turma de 1906 da Escola Nacional de Engenharia. Da sua vida universitária e de uma época trepidante do Rio de Janeiro, tudo revelou através de seus poemas satíricos, um prenúncio de seu extraordinário humorismo. Líder estudantil, ei-lo encabeçando o movimento em prol da obrigatoriedade do ensino, campanha que viria trazer inestimáveis serviços à população.

Emílio de Menezes o introduziu nas rodas boêmias, inseparáveis dos intelectuais do Rio de antanho, destacando-se seus grandes amigos, como Olavo Bilac, Guimarães Passos, Plácido Júnior, Henrique de Holanda, e outros mais.

Como jornalista iniciou-se no "Tagarela", revista humorística passando a colaborar nos principais órgãos de imprensa, como A Noite, O Globo, A Rua, Careta, O Malho, etc. Foi fundador de D. Xiquete.

No Correio da Manhã mantinha uma das mais conhecidas seções de imprensa cidadina — "Pingos e Respingos", cuja trajetória só foi interrompida quando do seu falecimento, a 2 de agosto de 1957. Aí, em forma de poesia, o ilustre jornalista, glosava em sadio humor os fatos pitorescos do Rio de Janeiro.

Fonte inesgotável de trabalho, Bastos Tigre não parava. Assim, em 1906, já com um livro de estréia — "Saguão da Posteridade" — publicado quatro anos antes, êle — o jornalista, o escritor, o poeta — passaria a ser conhecido também como teatrólogo, com "O Maxixe" — um dos mais retumbantes sucessos de bilheteria da época. Após trabalhar dois anos e meio na General Electric, nos Estados Unidos, especializando-se em eletricidade, o engenheiro Bastos Tigre retornou ao seu querido país, para ocupar importante cargo no Serviço Geológico e Mineralógico do Brasil.

A publicidade, essa moderna arma dos negócios, foi exercida também pelo ilustre pernambucano com dignidade, como tudo, aliás, em sua vida. Foi pioneiro. Foi mestre e fez escola, criando, como redator de escol, "slogans" que ainda hoje são usados e que ficarão para sempre na lembrança do povo.

Bastos Tigre — 1.º prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras — amava os livros e não podia viver sem êles. E foi seu carinho para com as belas criações do espírito humano que o fez abraçar a carreira de bibliotecário — cargo conquistado brilhantemente em primeiro lugar. Nessa qualidade serviu no Museu Nacional e na Biblioteca Central da Universidade do Brasil, atingindo nesta última o honroso cargo de Diretor, quando o Destino nos privou de sua companhia.

Glória a Bastos Tigre — "engenheiro", "jornalista", "escritor", "poeta", "humorista", "teatrólogo", "publicitário", e "bibliotecário".

## O TEATRO DE BASTOS TIGRE

Registrando naquele longínquo 1906 a estréia, no teatro Carlos Gomes, da revista "O Maxixe", de Bastos Tigre e Baptista Coelho, um dos mais acatados críticos do tempo assim se expressou:

"O Sr. Bastos Tigre é moço e tem talento, duas qualidades excelentes. Tão bem dotado para a vida, modestamente estudante da Politécnica..."

Sim, era verdade... Bastos Tigre, ao escrever a sua primeira peça teatral, era uma criança, quase... Mas, uma criança, quase, que já trazia para o cartaz do Carlos Gomes, um pseudônimo — D. Xiquote.

Não somente um pseudônimo: trazia, também, um renome de humorista e uma inteligência a serviço de uma forte vocação para o teatro.

Quatro anos antes da vitoriosa apresentação de "O Maxixe", a revista "O Tagarela", de Peres Junior, o humorista que se tornaria conhecido como "Teles de Meireles", publicára o primeiro soneto de Bastos Tigre:



## 'DE VENTO EM PÔPA'

(Procurador Prodígio)

Procuraste o curul de Deputado  
Como Jason buscava o velocino...  
E tal jeito tiveste e tanto tino  
Que o teu desejo viste realizado.

Ao ministério, Insígne Menino  
Procuraste depois ser elevado.  
Fôste; e pra ter o nome eternizado  
Alinhavaste o "Código do Ensino".

Em descanso andaste procurando  
Subir; mais; e o papá te fez ministro  
Do Tribunal Supremo e Venerando.

E onde quer que por ventura fôr  
Da voraz ambição o olhar sinistro  
Tú procurando irás, Procurador!

Seu primeiro livro de versos humorísticos "Saguão da Posteridade", publicado quando iniciava os seus estudos de engenharia, revelou, de forma decisiva, aos mais experimentados e aos mais fervorosos admiradores do gênero, um poeta de rima fácil e dotado de um espírito invulgar.

E ainda "O Tagarela", embandeirado em arco, assim assinalava o aparecimento do jovem humorista, a 26 de julho de 1902:

"Manuel Tigre! Livra! Não pensem os senhores que se trata de alguma entidade de truculenta ferocidade. Não! Êste Tigre é tudo quanto há de mais pomba mansinha e meiga que existe.

Manuel Tigre, distintíssimo anista da Politécnica é o “D. Xiquote”, nosso colaborador, que acaba de publicar o “Saguão da Posteridade”, livro de versos humorísticos como há muito não se publica neste país, corretíssimo e espirituoso, que não ficará no saguão, como lá diz o título, mas que há de entrar pela posteridade a dentro com ufania e glória”.

Dois anos depois é a revista “A Avenida”, fundada por Chrispim do Amaral e dirigida por Cardoso Junior, que apresenta um novo colaborador:

### D. XIQUOTE

Começamos a publicar hoje sonetos de D. Xiquote, a pena mais feliz que anda pela ironia e a troça nestas terras sem sal da nossa Imprensa.

“D. Xiquote” mandou-nos duas das suas mais deliciosas locuções, que, com o prazer que se sente ao receber jóias, apressamo-nos em publicá-las.

Leitor, agradece-nos”.

Uma dessas “locuções” era o seguinte soneto em que Bastos Tigre focalisava o assunto do momento:

Fosse eu doutor formado em medicina,  
Ex-interno de uns quantos hospitais,  
Conhecedor dos ácidos e dos sais  
Com que o “culex” rajado se extermina;

Sem saber dessa história patavina  
Não temeria a ciência dos rivais  
E seria um campeão dos mais leais  
Da obrigatoriedade da vacina.



Segundo o meu novíssimo processo  
Que somente por ser o tempo escasso  
Ainda não veio nos jornais impresso  
Vacinaria minhas jovens clientes  
Fazendo as incisões em cada braço  
Com o agudo estilete dos meus dentes!

Como se vê, uma graça fina, delicada e que lhe perpetuou o nome através de uma obra intensa, viva, diária, nos jornais e revistas em que colaborava e que, por vezes, se dispersava nababescamente, às mesas dos cafés, em rodas amigas.

Não conheceu Bastos Tigre os pruridos condenáveis da vaidade.

Nem queria para si só os galardões do humorismo nacional.

Fez da sua revista "D. Xiquote", aqui surgida em 1917, como que um laboratório produtor de gente engraçada.

Criou a "Página dos Néo-Humoristas" e com o entusiasmo do Mestres, desbastou tendências, burilou vocações, formou novos cultores da graça e do riso, que passaram a ver seus nomes ou pseudônimos no semanário, ao lado de nomes já feitos e consagrados como os de Humberto de Campos, Emílio de Menezes, Antonio Torres, Raul Calixto, J. Carlos, Luiz, Yantok e muitos outros.

Sabemos de um a quem "D. Xiquote" ensinou a fazer versos, a metrificar, a rimar, a encontrar sentido humorístico neste ou naquele fato banal.

E é fácil imaginar-se a emoção do moço, modesto e bisonho, metido numa farda de soldado do Exército,

ao enfrentar aquêlê homem de bastos bigodes, o maior humorista do tempo e que, como um Pai a ensinar ao filho as primeiras letras, dava-lhe com simplicidade e visível vontade de torná-lo humorista, uma bela e proveitosa lição de poesia!

Êsse moço guardou para sempre a recordação daquele encontro de um néo-humorista com o mais celebrado nome das letras humorísticas do país.

Êsse moço chegou a ser um dos maiores colaboradores de "D. Xiquote". Também fez um pseudônimo que se não chegou a se nivelar ao de "D. Xiquote", o que seria de todo impossível, teve a felicidade suprema de ser considerado por Bastos Tigre "discípulo que honra o Mestre".

E como êsse, Octacílio Gomes, Elso Gama, Rigoletto e muitos outros tiveram nas colunas de "D. Xiquote" um lugar ao sol na terra áspera do humorismo indígena.

Tôda a vida espiritual de Bastos Tigre, com a sua graça e a sua sensibilidade emotiva — que êle a possuía, como poeta que era — da juventude à maturidade, está nos seus livros, desde o "Saguão da Posteridade" até os versos do "Entardecer" e particularmente neste tercêto do soneto dedicado aos seus versos e aos seus filhos.

Por isso, humilde imploro e altivo empenho:  
Deixai que para o além da morte eu viva!  
Não me mateis, meus filhos e meus versos!

Vejamos, agora, a obra teatral de Bastos Tigre, motivo primacial desta 'plaquette':



No início dêste pequeno trabalho recordamos a recepção da crítica ao novo autor.

Foi mais do que animadora, visto que o estreiante já se apresentava armado em cavaleiro.

O sucesso de "O Maxixe" fôra evidente logo na primeira noite da sua apresentação e a colaboração de Bastos Tigre francamente exaltada pela crítica:

"Ontem, a colaboração, aliás auspiciosa e aplaudidíssima, estava deixando bem ver que era do Sr. Xiquote e do Sr. João Phoca. Todos os versos são de primeira e são de uma fluência, de uma graça natural, capazes de quase rivalisar com os de Arthur Azevedo, incomparável no gênero".

Essa comparação dos versos de "D. Xiquote" com os de Arthur Azevedo tinha, na época, a sua razão de ser. Arthur Azevedo vinha ostentando, desde longos anos, a auréola de "o maior autor teatral brasileiro".

Daí o fato de outro crítico haver afirmado:

"Depois de Arthur Azevedo, nunca as revistas dos nossos teatros tiveram versos tão bem feitos, tão fluentes".

Um crítico, entretanto, foi mais incisivo e talvez mesmo mais verdadeiro na sua apreciação, quanto aos versos da revista:

"D. Xiquote fez para a peça versos deliciosos, porém versos de verdade, dos que não costumam aparecer em revistas".

Vitória absoluta do poeta, numa revista estrelada por Maria Lino e que contava com os artistas mais disputados pelos empresários cariocas, tais como Esther Bergerat, Maria Regini, Antoniette Peugeot, Balbina Maia, Machado, Pedro Augusto, Manuel Pinto, João



de Deus e ornada de leves e bonitos números de música de Paulino do Sacramento, Luiz Moreira e Costa Junior.

O espetáculo agradou plenamente e um dos seus números — Vem cá, Mulata, o maxixe de Chiquinha Gonzaga, ainda hoje é lembrado como a mais legítima expressão do ritmo popular brasileiro.

Foi assim a estréia de Bastos Tigre no teatro.

Mas, lá no seu Recife querido, o velho Delfino soube do sucesso do filho. Como engenheiro? Não! O rapaz mal se formára...

Alguém levou a Delfino Tigre um jornal do Rio... Um jornal que exaltava o nome do filho como autor de uma revista de êxito incomparável... "O Maxixe"...

Não! Isso, não! Então, o Manuel, em vez de estudar, estudar, estava metido em teatro, escrevendo para cômicas?

E papai Delfino, com aquela energia dos pais do século passado, mandou que Bastos Tigre regressasse imediatamente a Recife... E do Recife deportou-o para a Europa, a fim de fazer um curso de especialização, privando o nosso teatro, por algum tempo, da verve e dos versos de D. Xiquote...

Depois da Europa, a América do Norte... Voltou ao Rio... Engenheiro Eletricista...

Entretanto, Bastos Tigre voltou com mais energia... mas para o teatro.

Novamente o seu nome num cartaz de uma grande Companhia de Revistas.

"Grão de Bico", estréia no Apólo, assinalada pelo "Jornal do Brasil" como o renascimento da revista nos palcos cariocas, escrita tôda em bom português, forte-

mente adubada de excelentes trocadilhos e frases de fino espírito, nela tomando parte os artistas Carmen Martins, Elvira Mendes, Nathalina Serra, Beatriz Baptista, Eugenia Brazão, Josefina Barco, João de Deus, Pinto Filho, e Lino Ribeiro.

Dela, disse um comentarista:

“Há muito tempo não víamos no palco carioca uma revista tão bem feita, do mais fino humorismo, fazendo rir bastante o espectador, sem as habituais frases licenciosas que tanto afugentam o público dos teatros”.

Depois, “O Rapadura”, ainda no teatro Apólo, com Pinto Filho, João Martins, Augusto Campos, Julia Martins. Êxito absoluto de um quadro político — Salomé — sátira à depuração do recém-eleito deputado por Pernambuco, José Bezerra, depuração esta imposta por Pínhireiro Machado, então chefe da política nacional.

Bastos Tigre não mais se libertou do teatro. Adorável prisão essa, para o prêso e para os carcereiros...

Firmára o seu nome como humorista, nos “Pingos e Respingos”, do Correio da Manhã e em inúmeras revistas e jornais, onde a sua colaboração era indispensável.

Um ano mais tarde, um “vaudeville” — O Micróbio do Amor”, pela Companhia do Teatro Pequeno, iniciativa de Mario Domingues e Renato Alvim.

Uma idéia feliz porque vinha criar para o nosso teatro um caminho novo, dentro de um elevado critério artistico.

As peças escolhidas para a apresentação da Companhia foram “O Senhor Vigário”, uma peça dramática em um ato, de Oscar Guanabario e “O Micróbio do Amor”, de Bastos Tigre.



Essa "première", ansiosamente esperada, foi marcada por outro "vaudeville", êste realíssimo: o rapto da atriz Lina Fulvia, na véspera da sua estréia na peça de Bastos Tigre.

Rapto que não teve maiores consequências, tanto que a jovem atriz pôde apresentar-se na noite seguinte, sem novas complicações.

Quanto ao trabalho de "D. Xiquote", vale recordar êste conceito do crítico de "O Imparcial":

"Bastos Tigre foi ontem um humorista integral e verdadeiro, "doublée" de uma duplicidade curiosa. Sua estréia no gênero foi incontestavelmente, brilhante".

"Micróbio do Amor" marcou o sucesso de Ema Pola, que pela primeira vez se apresentava como atriz, ao lado de Lina Fulvia, Tina Vale, Carlos Abreu, Romualdo de Figueiredo, e Antonio Sampaio.

Recordar o teatro de Bastos Tigre é evocar a própria história do nosso teatro nestes últimos cinquenta anos.

Sua produção abrange todos os gêneros, tais como a revista, a comédia, o "vaudeville" e a opereta.

Ainda em 1916, o Palácio Teatro apresentou a revista "De pernas para o ar", em colaboração com Cândido de Castro, com os artistas Olympio Nogueira, Pinto Filho, Raul Soares, Beatriz Gouveia, Nathalina Serra, Otilia Amorim e música de Luz Junior.

E mais de uma vez, de um modo geral, a crítica acentuava:

"A revista tem graça, sem que, para isso, tivessem os seus autores de lançar mão da pornografia".

Efetivamente, em tôda a sua longa carreira de profissional da graça, jamais Bastos Tigre, se deixou dominar pelos falsos recursos humorísticos da imoralidade ou mesmo do duplo sentido.

Na opereta, como na revista, o poeta é evidente.

A opereta "Ver e Amar" foi representada no Rialto, em 1922, pela Companhia Brandão Sobrinho. Do sucesso da peça dá o seu testemunho o "Jornal do Comércio":

"A peça está bem escrita, com versos primorosos e é tôda cheia do mais fino humorismo, o que torna a opereta bastante agradável. O seu autor foi chamado à cena várias vêzes e estrondosamente aclamado pela platéia".

Foram seus intérpretes Vicente Celestino, Brandão Sobrinho, Laís Arêda, Francisco Pezzi, Medina de Souza, Albertina Rodrigues, Alice Tinoco, Victoria Soares e outros artistas, sendo a música do maestro Roberto Soriano.

Outras peças escreveu ainda Bastos Tigre:

A "Ceia dos Coronéis" uma deliciosa paródia da "Ceia dos Cardeais", de Julio Dantas, apresentada em 1923 no Trianon por Procópio Ferreira, Jayme Costa e Aristóteles Pena.

"Dito e Feito", revista, com Eduardo Vitorino, representada em 1924 no teatro São José, com Araci Cortes, Antonio Denegri, Nair Alves, Pepita de Abreu, Alfredo Viviani, entre outros artistas. Em 1926 são reprecheco; "Viva o Amor", também com Eduardo Vitorino, música de Bento Musserunga e Marcelo Tupinambá e interpretação de Ivete Rosolen, Margarida Max e Alfredo Viviani entre outros artistas; Em 1926 são repre-



sentadas no Rio cinco peças de Bastos Tigre; "Excelsior", revista de grande espetáculo, no teatro Phenix, montada com esplendor e representada pelos melhores artistas do gênero, entre os quais se destacavam Mariska, Nair Alves, Celeste Reis, Pinto Filho, Henrique Chaves e o corpo de baile de Maria Olenewa e Nemanoff e ricos cenários de Jayme Silva e música de R. Pizzaroni.

Um dos mais belos espetáculos de todos os tempos e onde, mais uma vez, a poética de Bastos Tigre foi o ponto alto da revista, como acentuou um cronista:

"Em alguns quadros ficou a amostra vitoriosa do seu estilo de revistógrafo; e em várias poesias, como a que acompanha o quadro dos Cisnes, se sentiu a beleza e a emoção que nos seus livros se ostentam e tão poderosamente se comunicam".

"Bric-à-Brac", no Glória, pela Companhia Tró-ló-ló, com música de Antonio Lago, outro grande sucesso, recebida como uma das mais engraçadas e finas revistas do nosso teatro, com um grupo de ótimos artistas, como Danilo de Oliveira, Jardel Jercolis, Paulo Ferraz, Silvio Vieira, Lia Binatti, Violeta Ferraz, Araci Cortes, Pepita de Abreu, Lodia Silva, Lucilia Jercolis e os bailarinos George e Sonia Boetgen.

Em 1926 inaugurava-se o Teatro Casino. Uma iniciativa auspiciosa de Viggiani e Paulo Laporte.

E novamente Bastos Tigre é convidado para escrever a peça de estréia.

Uma noite inesquecível. A comédia musicada "Sorte Grande", um bonito trabalho de crítica social. Nos seus três atos, a irreverência leve, agradável, de Bastos Tigre se faz sentir através de diálogos deliciosos e situações de fina comicidade, sem resvalar para a

farsa, com uma interpretação feliz de Jaime Costa, no primeiro papel masculino e mais os artistas Ismênia dos Santos, Maria Lino, Elza Gomes, Carmem Azevedo, Jorge Diniz, Aristóteles Penna, Davina Fraga e outros.

No mesmo ano tivemos, ainda: No Glória, pela Companhia Tró-ló-ló, a revista "Zig-Zag", no Phenix, a revista "Sua Excelência", de grande montagem, com a apresentação do corpo de baile de Maria Olenewa e um bom elenco em que figuravam Pinto Filho, Mariska, Dulce de Almeida, e Edmundo Maia.

A música era de Assis Pacheco e os cenários de Angelo Lazary, Avelino Pereira e Mario Tullio.

O sentido de arte nas revistas de Bastos Tigre foi sempre a nota predominante e em "Sua Excelência" mais se manifestou nos quadros "Folhas de Outono", "Sonho do Pintor" e "Bailado dos Corações".

Notável a capacidade de produção do poeta e humorista!

Ao mesmo tempo em que escrevia em jornais, fundava revistas humorísticas, exercia cargos públicos de responsabilidade, dedicava-se à publicidade comercial e seu nome não deixava os cartazes dos teatros!

Depois de "Sua Excelência", "Boas Falas" em 1927, revistas com música de Eduardo Souto e Bento Mussurunga, para o teatro São José; "OOOH!", com Geysa Boscoli, para a Companhia Tró-ló-ló, no teatro lírico; "Ondas Sonoras", para um espetáculo no Municipal, em benefício da "Pró-Matre". Uma festa elegante e na qual tomaram parte senhoritas da nossa Sociedade — Nenê Barroukel, Lú Moreira Santos, Selene e Stela Bastos Tigre, Luizinha Muniz Freire, Adacto Filho, Alfredo Tranjan, Gastão do Rego Monteiro, Oswaldo



Eboli, Zacharias Rego Monteiro e mais os artistas Gilda de Abreu, Conchita Montenegro e Raul Roulien.

Mais tarde, uma fantasia — “Vertigem”, no teatro João Caetano. Uma bela fantasia musicada e que marcou êxito invulgar. Em 1942 “Senhorita Vitamina”, comédia de costumes, com tipos maravilhosamente observados pelos artistas Elza Gomes, Delorges Caminha, Lucia Delór, André Villon, e Luiza Nazareth.

Dessa peça disse o crítico da “Gazeta de Notícias”:

“Bastos Tigre fêz uma comédia cheia de “verve”, mas educativa, em seu plano, certo de que o otimismo é a condição por excelência da alegria de viver”.

E um jornal de São Paulo, registrando o sucesso da comédia naquela cidade, assim se expressou:

“São Paulo recebe “Senhorita Vitamina” com efusivas demonstrações de agrado. A sua graça espontânea e permanente, o seu humor leve e jovial, dão a tôda a gente a impressão de que o insigne escritor possui o fígado mais são dêste imenso Brasil”.

Finalmente, a revista “Mão Única” em 1949, para a companhia de Colé, no teatrinho Jardel de Copacabana, escrita em colaboração com Raymundo Magalhães Junicr e Geysa Boscoli.

Evocando o teatro de Bastos Tigre nós o fazemos impelidos naturalmente por um sentimento de profunda saudade do humorista que transmitiu à duas gerações, podemos dizer, tôda a potencialidade do seu bom humor, do seu otimismo, daquela imensa alegria com que dourou a sua vida intensa.

Nos versos, como na prosa; na comédia, como na revista; nos jornais, como nas palestras literárias, a

graça, a ironia, a irreverência de Bastos Tigre possuíam a mesma leveza de seu estilo de aprimorado escritor, a mesma poesia do seu estro notável, a mesma suavidade da sua alma acolhedora, franca, que não sabia condenar, que desconhecia o ódio, que pautava todos os seus atos pelo mais puro sentimento de lealdade — lealdade para com os amigos e para com a sua própria consciência de homem e de intelectual.

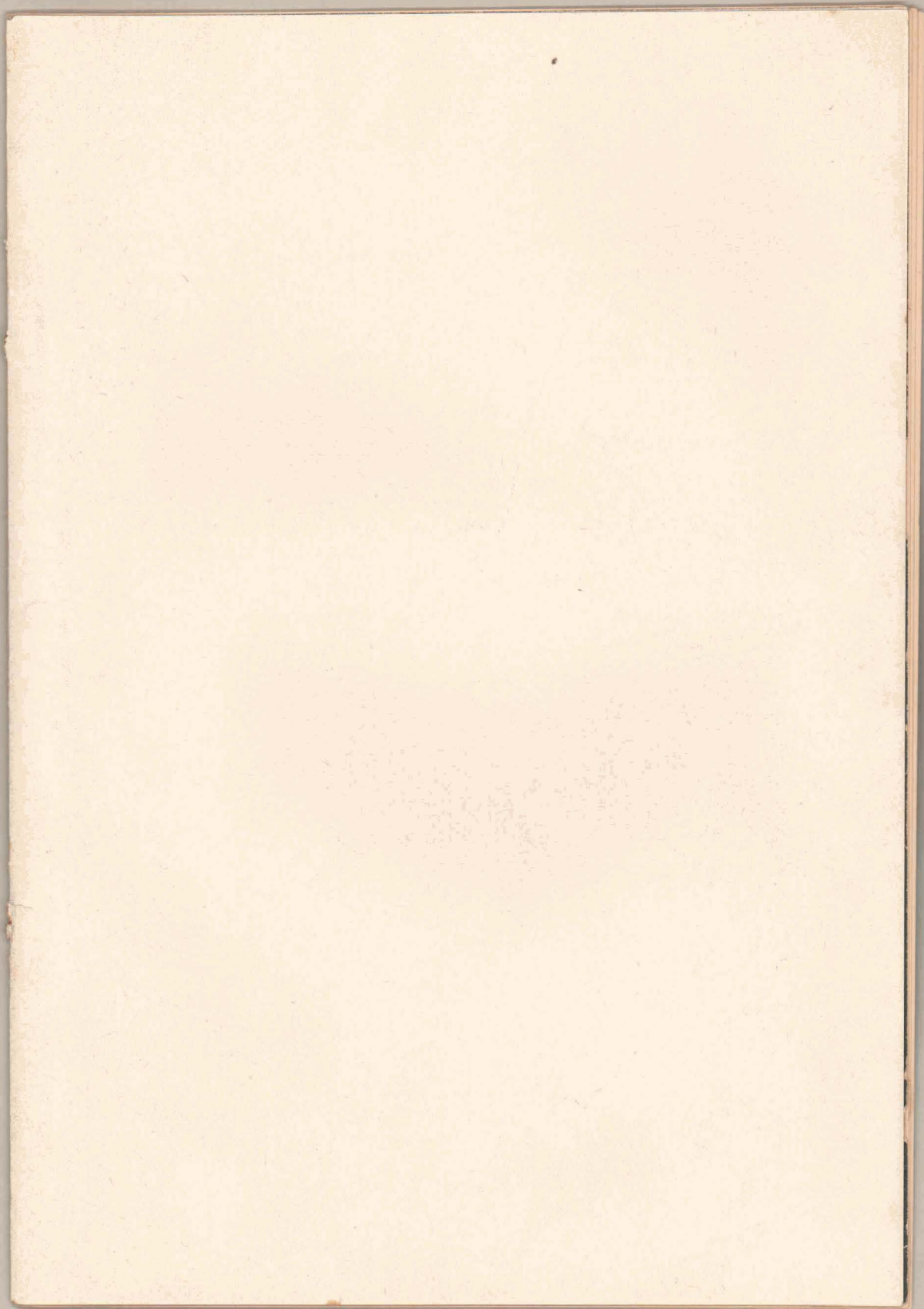
Por isso, suas sátiras não atacavam, não agrediam, não destruíam.

E o seu teatro, refletindo ao vivo a sua maneira de ver, de sentir, de criticar, fixou duas épocas, duas sociedades, nos “couplets” de uma revista, ou nos diálogos de uma comédia, com leveza, com graça e, sobretudo, com poesia.



Rio, Julho 1958







HOMENAGEM DA  
BIBLIOTECA MUNICIPAL DO RIO DE JANEIRO